

HIPOCORIZAÇÃO COM REDUPLICAÇÃO: UM ENFOQUE OTIMALISTA PARA O PADRÃO DE CÓPIA DOS SEGMENTOS À DIREITA

Bruno Cavalcanti Lima¹

bcavalcantilima@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, analiso o fenômeno da Hipocorização com reduplicação à direita, mais especificamente da sílaba tônica, como ocorre, por exemplo, em ‘Dedé’ (hipocorização do antropônimo ‘André’) e ‘Lalau’ (hipocorização do antropônimo ‘Nicolau’). A análise se baseia na Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995), que segue os princípios da Otimalidade Clássica, estabelecidos em Prince & Smolensky (1993), sendo, dessa forma, igualmente otimalista e paralelista (Gonçalves, 2004).

PALAVRAS-CHAVE: Hipocorização; Reduplicação; Teoria da Otimalidade; Teoria da Correspondência.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analiso o fenômeno da Hipocorização com reduplicação à direita, mais especificamente da sílaba tônica, como ocorre, por exemplo, em ‘Dedé’ (hipocorização do antropônimo ‘André’) e ‘Laláu’² (hipocorização do antropônimo ‘Nicolau’). A análise se baseia na Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995), que segue os princípios da Otimalidade Clássica, estabelecidos em Prince & Smolensky (1993), sendo, dessa forma, igualmente otimalista e paralelista (Gonçalves, 2004).

Diferentemente do que ocorre no padrão de cópia dos segmentos à esquerda, analisado por Silva (2004), em que dois *outputs* podem emergir simultaneamente como

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

² Neste e em outros exemplos, a sílaba tônica do hipocorístico vem marcada por um acento, seja ela acentuada ou não graficamente.

ótimos, tal como ocorre com o antropônimo ‘Luciana’, que pode ser hipocorizado como ‘Lú’ ou ‘Lulú’, este padrão apresenta apenas um *output* ótimo. Dessa forma, o antropônimo ‘Mateus’, por exemplo, admite como hipocorístico apenas a forma ‘Tetê’, e uma estrutura como ‘Teu’ seria, portanto, bloqueada. Sendo assim, para dar conta do fenômeno, as restrições de tamanho devem estar no topo da hierarquia, seguidas pelas de acento, de marcação e, por fim, de fidelidade.

Cabe ressaltar, entretanto, que alguns poucos antropônimos analisados neste processo admitem variação. Assim, em nomes como ‘Isabel’ e ‘Raquel’, dois *outputs* podem emergir como ótimos: o primeiro admite as formas ‘Bebél’ e ‘Bél’, ao passo que o segundo permite que formas como ‘Quequél’ e ‘Quél’ sejam aceitas.

O trabalho se apresenta dividido da seguinte forma: na seção seguinte, apresento o conceito de hipocorização, enfatizando o processo com reduplicação à direita. A seguir, proponho uma análise morfoprosódica do processo em questão, com o objetivo de descrevê-lo e formalizá-lo. Na seção posterior, parto para a análise otimalista do fenômeno, definindo as restrições que atuam no processo e comprovando, através da análise de *tableaux*, a eficácia dessas restrições na análise do fenômeno. Na última seção, elenco as principais conclusões acerca do fenômeno, demonstrando a superioridade da Teoria da Otimalidade (de agora em diante, OT) em relação aos modelos derivacionais.

2. A HIPOCORIZAÇÃO

Este processo morfológico não-aglutinativo corresponde, de acordo com Gonçalves (2004), ao encurtamento afetivo de antropônimos, resultando numa forma diminuta que mantém identidade com o prenome original. Benua (1995) e outros teóricos classificam o fenômeno como Truncamento, por se tratar de um processo de encurtamento. Devido aos distintos processos de encurtamento existentes em português, Gonçalves (2002a) restringe o termo Hipocorização à redução de antropônimos e o termo Truncamento a outros processos de encurtamento.

Neste trabalho, analiso a Hipocorização com reduplicação dos segmentos à direita, como mostram os exemplos listados abaixo:

(01)

Aidê > Dedê

Alceu > Cecêu

Alcir > Cici

Amadeu > Dedêu

André > Dedé

Artur > Tutú

Barnabé > Bebê

Jurandir > Didí

Marli > Lili

Marcel > Cecél

Mateus > Tetêu

Nicolau > Laláu

Isabel > Bebél ou Bél

Raquel > Quequél ou Quél

Como se pode notar através dos exemplos em (01), o processo de hipocorização analisado consiste na reduplicação dos segmentos à direita do antropônimo, mais especificamente da sílaba tônica. Cabe ressaltar que, em todos os dados colhidos, apenas nomes oxítonos se enquadraram nesse padrão.

Além disso, é importante constatar que o fenômeno não é variável, ou seja, não admite mais de um *output* ótimo. As únicas exceções são os dois últimos exemplos listados acima: 'Isabel', que permite que as formas 'Bél' e 'Bebél' sejam aceitas, e 'Raquel', que admite as formas 'Quél' e 'Quequél' como ótimas. Todos os demais exemplos permitem apenas um *output* ótimo.

3. ANÁLISE MORFOPROSÓDICA DO FENÔMENO

Nesta seção, analiso o processo com base na Morfologia Prosódica (ou não-linear), modelo proposto por McCarthy (1986) que tenta explicar a interação Morfologia-Fonologia nos sistemas gramaticais. Esse modelo, em linhas gerais, pressupõe o uso de categorias prosódicas na descrição de processos morfológicos. Dessa forma, a Morfologia Prosódica será utilizada, nesta seção, como pano de fundo para a descrição do padrão analisado com base nos instrumentos da OT.

De acordo com Gonçalves (2004), o domínio sobre o qual determinadas operações morfológicas se aplicam pode ser mapeado por primitivos prosódicos. Esse mapeamento é realizado pelo processo que chamamos de circunscrição prosódica (um dos procedimentos básicos da Morfologia Prosódica), que pode ser positiva ou negativa. Na circunscrição

positiva, o material rastreado é levado para o molde; já na circunscrição negativa, o material rastreado é descartado.

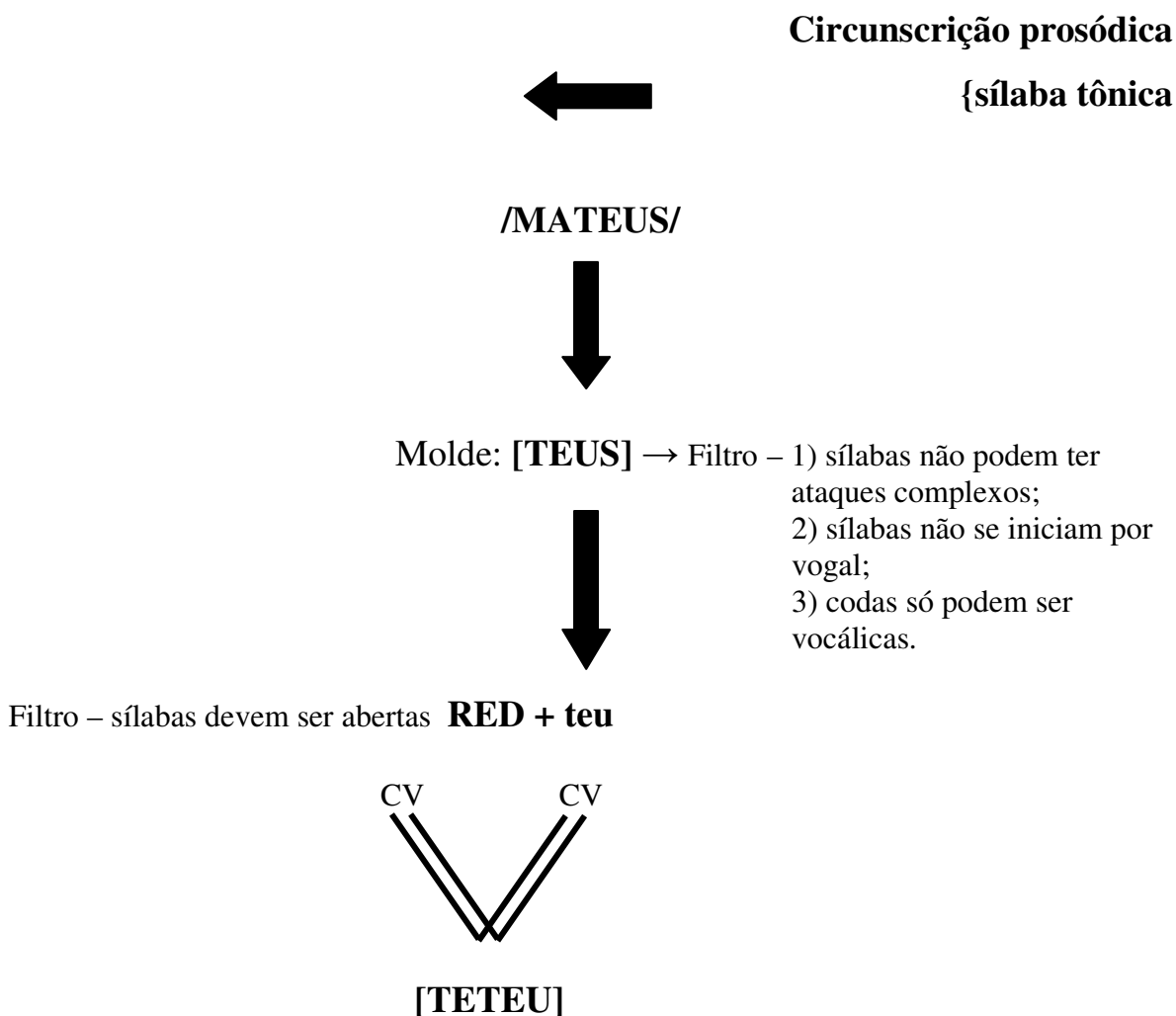
No processo de hipocorização descrito neste trabalho, a circunscrição é positiva e rastreia a sílaba tônica do antropônimo, da direita para a esquerda. O material escaneado do antropônimo pela circunscrição prosódica é levado para o molde, para, a seguir, passar pelo filtro constituído pelas seguintes condições de boa formação silábica:

- (1) sílabas não podem ter ataques complexos;
- (2) sílabas não se iniciam por vogal;
- (3) codas só podem ser vocálicas.

O material mapeado do molde pelo filtro passa a constituir o que se chama de base, que será somada a um reduplicante. Sobre este atua também um filtro, constituído por apenas uma condição de boa formação silábica: sílabas devem ser abertas. O material rastreado, após terminadas essas etapas, constitui, finalmente, o hipocorístico.

Para esquematizar toda a situação exposta nos parágrafos anteriores, analisemos o antropônimo ‘Mateus’:

(02)



4. ANÁLISE OTIMALISTA DO PADRÃO

Após verificar o comportamento derivacional do processo em questão, partirei para a análise otimalista, foco do presente estudo.

A Teoria da Otimalidade é um modelo aplicável a todos os níveis de descrição da estrutura lingüística. Apresenta duas vertentes: a OT Clássica e Teoria da Correspondência. Na OT Clássica, analisa-se o grau de semelhança entre o *input* (forma de base) e os

candidatos a *output* gerados por GEN. Por outro lado, na Correspondência, as restrições de fidelidade atuam em outros domínios que envolvem identidade entre representações lingüísticas, o que nos permite afirmar que esse modelo possibilita uma melhor análise da Morfologia Não-Concatenativa. Portanto, a OT Clássica não descreve satisfatoriamente processos morfológicos, já que eles, além do *input* e do *output*, requerem referência a outras entidades representacionais, como uma base e o produto de uma operação morfológica.

A OT conta com um mecanismo gerador de possíveis *outputs*, a partir de um dado *input*. Esse mecanismo, como vimos anteriormente, é chamado de GEN. A função das restrições é avaliar todos os candidatos a *output* gerados por GEN. O objetivo desse mecanismo é criar um *ranking* entre as restrições, permitindo ou não violações, fazendo, assim, as devidas seleções entre os candidatos a *output* no fenômeno analisado.

Para dar conta do fenômeno, utilizo as seguintes restrições:

4.1. RESTRIÇÕES DE TAMANHO

4.1.1. TODO-PÉ (D)

Todos os pés devem permanecer na posição de final de palavra prosódica (PWd).

4.1.2. ANALISE - σ

Todas as sílabas (s) devem estar integradas a pés.

4.2. RESTRIÇÃO DE ACENTO

4.2.1. IAMBO

Todos os pés devem ser iâmbicos, ou seja, devem apresentar cabeça à direita.

4.3. RESTRIÇÕES DE MARCAÇÃO

4.3.1. ONSET

Toda sílaba precisa ter a posição de onset preenchida.

4.3.2. *COMPLEX

É proibida a formação de grupos consonantais na posição de onset.

4.3.3. CODA-COND [vocálica]

Define que tipo de segmento pode ocupar a posição de coda. Assim, somente vogais altas, nesta análise, podem ocupar essa posição.

4.3.4. NÃO-HOMONÍMIA

O hipocorístico não pode equivaler a nenhuma palavra existente na língua.

4.4. RESTRIÇÃO DE ALINHAMENTO

4.4.1. ALINH (R esq ; B dir)

O reduplicante, sempre uma sílaba, deve estar alinhado à esquerda, e a base à direita da palavra prosódica.

4.5. RESTRIÇÕES DE FIDELIDADE

4.5.1. HEAD-MAX

O cabeça da palavra prosódica deve ser maximizada, isto é, não pode haver apagamento de nenhum segmento de sílabas tônicas.

4.5.2. RED = CV

O reduplicante deve apresentar o formato CV (consoante + vogal).

4.5.3. PWd = Σ

A palavra prosódica deve ter o tamanho de um pé.

4.5.4. RED = BASE

O reduplicante deve ser igual à base.

4.5.5. FID-IO

Todos os elementos que aparecem no *input* devem figurar no *output*.

Abaixo, o *ranking* proposto leva ao encurtamento (já que a hipocorização é o processo responsável pela redução de antropônimos), mas garante mínima fidelidade às palavras do antropônimo:

(1) TODO-PÉ (D) ; (2) ANALISE- σ >> (3) IAMBO >> (4) ONSET >> (5) *COMPLEX >> (6) CODA-COND [vocálica] >> (7) ALINH (R esq ; B dir) >> (8) HEAD-MAX >> (9) RED = CV >> (10) NÃO-HOMONÍMIA >> (11) PWd = Σ ; (12) RED = BASE ; (13) FID-IO

Como se pode notar, as restrições de tamanho dominam a hierarquia, pois, como se sabe, o hipocorístico deve constituir palavra mínima na língua. Assim, as restrições (1) e (2) atuam em conjunto e dominam o *ranking* de restrições.

A restrição (3), dominada por (1) e (2), é acentual. Viola essa restrição o candidato que não apresentar pés iâmbicos, isto é, pés que não apresentem cabeça à direita. Como exemplo, temos o antropônimo ‘Alcir’. O hipocorístico correspondente a esse prenome é ‘Cicí’, já que ‘Cíci’ infringiria essa restrição acentual.

Seguindo a hierarquia, a restrição (4) obriga todos os candidatos a *output* a preencher a posição de onset. Sendo assim, o antropônimo ‘Aidê’ apresenta como *output* ótimo a forma ‘Dedê’, posto que ‘Aiai’, por exemplo, não preencheria a posição de onset, como obriga a restrição (4).

A seguir, a restrição (5) não permite a formação de grupos consonantais na posição de onset. Assim, ‘André’ tem como hipocorístico ‘Dedê’, e não ‘Dredré’.

A restrição (6) determina que tipo de segmento pode ocupar a posição de coda. No caso da hipocorização com reduplicação à direita, somente vogais podem ocupar essa

posição. Portanto, o antropônimo ‘Mateus’, por exemplo, apresenta como *output* ótimo a forma ‘Tetêu’, e não ‘Tetêus’, visto que esta violaria a restrição (6), por apresentar um elemento não-vocálico na posição de coda.

A única restrição de alinhamento presente na hierarquia é a que aparece em (7). De acordo com essa restrição, o reduplicante deve estar alinhado à esquerda, e a base à direita da palavra prosódica. Dessa forma, em um caso como ‘Amadeu’, o hipocorístico correspondente deve ser ‘Dedêu’, pois o reduplicante – ‘De’ – aparece configurado à esquerda, e a base – ‘Deu’ – aparece configurada à direita da palavra prosódica. Uma forma como ‘Deudê’ infringiria, pois, a restrição (7).

A restrição (8) pertence à família fidelidade. Segundo essa restrição, não deve haver apagamento de nenhum segmento de sílabas tônicas, isto é, a cabeça (sílabas tônicas) da palavra prosódica deve ser maximizada. Um bom exemplo para ilustrar esse caso é o antropônimo ‘Marli’, cujo *output* ótimo é ‘Lilí’. Como se pode notar, nenhum segmento da sílaba tônica – ‘li’ – foi apagado.

Outra restrição de fidelidade presente no *ranking* é a (9), que define o formato do reduplicante. Este, de acordo com a restrição, deve apresentar o formato CV, ou seja, consoante/vogal. Assim, em um antropônimo como ‘Jurandir’, o hipocorístico correspondente deve ser ‘Didi’, visto que o reduplicante apresenta o formato solicitado pela restrição em questão: a consoante ‘d’ somada à vogal ‘i’. Uma forma como ‘Diridi’ infringiria, portanto, essa restrição, pois o reduplicante apresentaria o formato CVC.

Na seqüência, segue-se a restrição (10), de natureza lexical (anti-homonímia). Esta estabelece que os hipocorísticos não podem equivaler a nenhuma palavra já existente na língua. Essa proibição faz com que a forma ‘Deu’, por exemplo, não seja admitida como *output* ótimo do antropônimo ‘Amadeu’, já que ‘Deu’, na língua portuguesa, equivale à conjugação do verbo dar na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Dessa maneira, vê-se que a restrição em questão obriga, em alguns casos, que algumas formas sejam reduplicadas.

As três últimas restrições do *ranking* – (11), (12) e (13) – são da família fidelidade e atuam em conjunto, o que significa dizer que elas não estão crucialmente hierarquizadas. As restrições (11) e (12) regulam a extensão da palavra prosódica, que deve ter o tamanho de um pé, e do reduplicante, que deve ser igual à base. Já a restrição (13) estabelece que

deve haver fidelidade do *input* para o *output*, isto é, todos os elementos que aparecem no *input* devem aparecer também no *output*. Como já foi dito na introdução do trabalho, restrições de fidelidade devem ser hierarquizadas no fim, pois formas totalmente fiéis ao *input* não podem ser consideradas hipocóricas. Deve haver, portanto, perda segmental para ocorrer o encurtamento.

4.6. OS CASOS ANALISADOS

Nesta parte do trabalho, apresento dois casos distintos do ponto de vista da variação. Num primeiro momento, analiso o antropônimo ‘Mateus’, não-variável, e, a seguir, apresento a análise do antropônimo ‘Isabel’, variável. Partamos para os *tableaux*:



4.6.1. ‘Mateus’

/Mateus/ +	TP	AN	IA	ON	*C	C-C	AL	H-M	R=CV	N-H	PWd=Σ	R=B	F-IO
Hipo + Red													
a. [(má.ti)]			*!					*					*
b. [(teu)]								*		*!			*
c. [(te.teu)] ↗								*				*	
d. [(teus.teus)]						*!*			*				
e. [(teu.tê)]							*!					*	

Como se pode perceber no *tableau*, nenhum candidato é eliminado pelas duas primeiras restrições, que atuam em conjunto, já que nenhum apresenta pé alinhado à esquerda ou sílabas que não estejam integradas a pés. O primeiro candidato a ser eliminado da disputa é (a), pois apresenta cabeça à esquerda, ou seja, não se trata de um iambo, mas de um troqueu. Vale ressaltar que nenhum candidato infringe ONSET (ON) e *COMPLEX (*C), visto que todos apresentam sílabas com a posição de onset preenchida e não há formação de grupos consonantais nessa posição. A seguir, o candidato (d) é eliminado

porque infringe duas vezes a restrição de marcação que proíbe que elementos que não sejam vogais ocupem a posição de coda (C-C). Na seqüência, o candidato (e) sai da disputa pela restrição de alinhamento, pois apresenta o reduplicante à direita e a base à esquerda da palavra prosódica, exatamente o contrário do que determina a restrição abreviada por AL no tableau. Em HEAD-MAX (H-M), os candidatos (a), (b) e (c) cometem uma infração cada, mas nenhum deles é eliminado por essa restrição, posto que (a) já havia sido eliminado por IAMBO e (b) e (c), como são os únicos que ainda permanecem na disputa, deverão ser avaliados por outra restrição. A restrição que determinará o candidato ótimo é NÃO-HOMONÍMIA, já que (b) equivale a um pronome possessivo de segunda pessoa e a restrição proíbe que os hipocorísticos equivalham a palavras já existentes na língua. Portanto, o *output* ótimo é (c), que infringirá, ainda, a restrição RED = BASE, mas isso em nada modificará o resultado da competição, visto que todos os demais candidatos já haviam sido eliminados por restrições mais altas na hierarquia. Passemos, a seguir, à análise de um caso que admite variação: ‘Isabel’.

4.6.2. ‘Isabel’

/Isabel/ +	TP	AN	IA	ON	*C	C-C	AL	H-M	R=CV	N-H	PW _d =Σ	R=B	F-IO
Hipo + Red													
a. [(bel.bel)]									*!				
b. [(bel)] 													*
c. [(be.bel)] 												*	
d. [(i.sa)]			*!	*				*		*			
e. [(be.bé)]								*!					

A partir da análise do *tableau* acima, vê-se que, assim como no caso analisado anteriormente, nenhum candidato infringe as duas restrições mais altas da hierarquia, pelos mesmos motivos expostos na análise anterior. O primeiro a deixar a disputa é (d), visto que infringe IAMBO, isto é, trata-se de um troqueu, por apresentar cabeça à esquerda. Esse

mesmo candidato recebe ainda três outras infrações: uma em ONSET, pois sua primeira sílaba não apresenta ataque; uma em HEAD-MAX, já que apaga a sílaba tônica; e outra em NÃO-HOMONÍMIA, posto que o hipocorístico equivale a um outro antropônimo. O candidato (e) é eliminado a seguir, por apagar um segmento da sílaba tônica e, por isso, infringir HEAD-MAX (H-M). O próximo candidato que sai da competição é (a), pois seu reduplicante apresenta o formato CVC, o que faz com que a restrição RED = CV (R=CV) seja violada. Na seqüência, restam apenas os candidatos (b) e (c), que emergem como *outputs* ótimos, o que configura um caso de variação, diferentemente do primeiro caso analisado. O que faz com que (b) e (c) saiam vitoriosos juntos da disputa é o fato de as três últimas restrições não estarem crucialmente hierarquizadas. O candidato (c) viola RED = BASE (R=B), pois seu reduplicante apresenta formato distinto da base, e o candidato (b) infringe FID-IO (F-IO), pois essa restrição determina que todos os elementos que estão no *input* devem figurar no *output* e (b) não apresenta reduplicante, que é um elemento presente no *input*. Como (b) e (c) violaram apenas uma vez FID-IO e RED = BASE, respectivamente, e essas restrições não estão crucialmente hierarquizadas, os dois emergem como *outputs* ótimos.

5. CONCLUSÃO

Como tentei demonstrar neste artigo, este padrão de Hipocorização, diferentemente do que ocorre no padrão de cópia dos segmentos à esquerda (Silva, 2004), apresenta apenas um *output* ótimo, ou seja, pode ser considerado um processo não-variável. Sendo assim, o antropônimo ‘Mateus’, por exemplo, admite como hipocorístico apenas a forma ‘Tetêu’, e uma estrutura como ‘Têu’ seria, portanto, bloqueada. Cabe ressaltar, entretanto, que alguns poucos antropônimos admitem variação, como ocorre, por exemplo, em ‘Isabel’, que admite as formas ‘Bebél’ e ‘Bél’ como hipocorísticos, e em ‘Raquel’, que permite que sejam aceitas como *outputs* ótimos as formas ‘Quequél’ e ‘Quél’.

Além disso, outro aspecto relevante demonstrado neste estudo é a superioridade da OT em relação às análises serialistas. Como se pôde verificar, a análise otimalista é menos

custosa que as análises derivacionais e consegue dar conta até mesmo de casos que envolvem variação, diferentemente da análise morfoprosódica.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENUA, L. Identify effects in morphological truncation. In: BECKMAN, J. *Papers in Optimality Theory*, v. 18, n. 01, 1995.
2. GONÇALVES, C. A. A morfologia prosódica e o comportamento transderivacional da hipocorização no português brasileiro. *Revistas de Estudos da Linguagem*, v. 12, n. 01, 2004.
3. GONÇALVES, C. A. Processos morfológicos não-concatenativos: tipologia e funcionalidade. *ALFA – Revista de Lingüística*, v. 42, n. 01, 2004.
4. McCarthy, J. & PRINCE, A. *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University, 1995.
5. PRINCE, A. & SMOLENSKY, A. *Optimality Theory: constraints and interaction in Generative Grammar*. Boulder: University of Colorado / Rutgers University, 1993.
6. SILVA, H. T. Hipocorização no Português: o padrão de cópia dos segmentos à esquerda. *Questões de morfossintaxe - CiFeFil*, v. 8, n. 14, 2004.

RESUMO: Neste artigo, analiso o fenômeno da Hipocorização com reduplicação à direita, mais especificamente da sílaba tônica, como ocorre, por exemplo, em ‘Dedé’ (hipocorização do antropônimo ‘André’) e ‘Lalau’ (hipocorização do antropônimo ‘Nicolau’). A análise se baseia na Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995), que segue os princípios da Otimalidade Clássica, estabelecidos em Prince & Smolensky (1993), sendo, dessa forma, igualmente otimalista e paralelista (Gonçalves, 2004).

PALAVRAS-CHAVE: Hipocorização; Reduplicação; Teoria da Otimalidade; Teoria da Correspondência.

ABSTRACT: In this paper, I analyze the right reduplication Hypocorization phenomenon, more specifically with the reduplication of the stress syllable, as observed, for instance, in ‘Dedé’ (Hypocorization of the anthroponym ‘André’) and ‘Lalau’ (Hypocorization of the anthroponym ‘Nicolau’). The analysis is based on Correspondence Theory (McCarthy & Prince, 1995), which follows the Classical Optimality principles established in Prince & Smolensky (1993), being, this way, equally optimalist and paralelist (Gonçalves, 2004).

KEYWORDS: Hypocorization; Reduplication; Optimality Theory; Correspondence Theory.